

SPODF #5. Agenesia bilateral de caninos maxilares permanentes – caso clínico



Tiago Bessa Martins, Catarina Faria Lima, Carlos Silva

Introdução: A ausência congênita de dentes está entre as anomalias dentárias mais frequentes, sendo a mais comum a agenesia do terceiro molar. A prevalência de agenesias na população caucasiana (terceiros molares excluídos) é de 4,5-7,4%. A agenesia bilateral de caninos maxilares é extremamente rara, apontando-se-lhe uma prevalência 0,18%. O caso clínico aqui apresentado retrata a agenesia bilateral dos caninos maxilares e respetivo tratamento feito em 2 fases, intercetiva e corretiva.

Descrição do caso clínico: Paciente do sexo masculino com 10, 2 anos, em fase de dentição mista com classe Identária subdivisão esquerda. Dente 21 cruzado com 31, associado a problema periodontal; mandíbula com apinhamento dentário moderado, recomendando interceção precoce para resolução do problema funcional e da falta de espaço mandibular. Após colocação da dentição permanente, procedeu-se à extração dos dentes 34 e 44 para resolução da DDM negativa e harmonização das arcadas, seguindo-se a colocação de aparelhagem fixa bimaxilar.

Discussão: A intervenção precoce favoreceu a migração mesial dos pré-molares superiores para o local dos caninos, a interceção de um problema funcional (mordida cruzada anterior) e a resolução da falta de espaço mandibular. A fase corretiva permitiu o ordenamento e harmonização das arcadas e estabelecimento de uma oclusão funcional. O tempo de tratamento (2 anos) poderia ter sido encurtado, caso o paciente não tivesse o hábito de «roer o lápis», que provocou por 2 vezes deformação do arco maxilar. No final do tratamento, optou-se por não fazer plastia adicional da cúspide palatino dos primeiros pré-molares superiores, por se ter entendido que não causava prejuízos estético ao paciente.

Conclusão: A agenesia de caninos é rara, a agenesia bilateral dos caninos maxilares ainda mais rara e deve ser intercetada precocemente, de forma a estabelecer uma oclusão funcional o mais cedo possível. A sua etiologia é multifatorial, podendo estar ligada a fenómenos genéticos.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.10.154>

SPODF #6. Abordagem clínica da mordida aberta lateral – tratamento e estabilidade



Helena Maltez Rodrigues*, Joana Silva, Telmo Moreira, Maria João Ponces, Afonso Pinhão Ferreira, Adriano Figueiredo

Introdução: A mordida aberta posterior (MAP) constitui uma anomalia rara, com etiologia multifatorial. Na sua origem podem estar fatores como excesso vertical da maxila, padrão esquelético, anomalias da erupção dentária, interposição lingual, anquilose dentária e hiperplasia condilar. A anomalia caracteriza-se por dentes em infraoclusão e subdesenvolvimento dos processos dento-alveolares nos segmentos posteriores, provocando problemas estéticos e funcionais. O tratamento convencional envolvendo dentes sem anquilose

implica aparatologia fixa bimaxilar e elásticos intermaxilares, de modo a obter extrusão dentária na região da mordida aberta. Em casos graves, a mecânica de tratamento deste tipo de casos é limitada, envolvendo, muitas vezes, cirurgia ortognática. O objetivo deste caso clínico passa pelo relato de um paciente com mordida aberta bilateral, provocada por macroglossia, e respetiva abordagem terapêutica.

Descrição do caso clínico: Paciente do género feminino, 29 anos, compareceu a uma consulta médico dentária para avaliação da necessidade de tratamento ortodôntico. Ao exame clínico intraoral, observou-se mordida aberta bilateral, com contactos dentários apenas ao nível dos incisivos e dos molares. Observou-se ainda o aumento volumétrico da língua e interposição lingual.

Discussão: Após estudo do caso, numa primeira fase, procedeu-se à glossectomia parcial. Após cicatrização, foi realizada ortodontia fixa bimaxilar, com recurso a elásticos intermaxilares para fechamento da MAP.

Conclusões: A intervenção de uma equipa multidisciplinar foi imperativa na resolução do caso. No fim do tratamento, os dentes foram completamente nivelados e alinhados, obteve-se uma relação de caninos e de molares de classe I e uma oclusão funcional. A eliminação do fator etiológico da má oclusão foi essencial para a estabilidade do tratamento.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.10.155>

SPODF #7. Procedimento ortodôntico numa transposição dentária



Ana G. Carvalho*, Helena Maltez Rodrigues, Jorge Dias Lopes, Eugénio Martins, Afonso Pinhão Ferreira

Introdução: A transposição dentária traduz uma anomalia no trajeto eruptivo e na localização de um dente que se manifesta por uma troca de posição de 2 dentes permanentes adjacentes. Sendo uma anomalia rara, constitui um desafio para o ortodontista, quando o tratamento encara corrigir a ordem dos dentes. Estas anomalias são mais frequentes na maxila do que na mandíbula, observam-se com maior frequência uni do que bilateralmente (12:1) e afetam preferencialmente o lado esquerdo (2:1).

Descrição do caso clínico: Criança com 12,6 anos de idade, do género masculino, em período de dentição mista, com caninos superiores ectópicos na região dos 1.º pré-molares superiores. Após exame radiográfico, verificou-se a presença de uma transposição dentária bilateral entre os caninos e os 1.º pré-molares superiores.

Discussão: Tendo em conta as componentes estética e funcional, optou-se por mover os dentes deslocados para a posição normal. No procedimento biomecânico utilizado houve extremo cuidado para evitar interferências oclusais, reabsorções radiculares, bem como perdas ósseas, especialmente a tábua óssea vestibular. Uma desvantagem desta abordagem é o demasiado tempo necessário para efetivar a correção, o que, todavia, será compensado com o resultado estético e funcional.

Conclusões: A transposição dentária pode ser corrigida, mas a mecânica ortodôntica é complexa, o tempo de